

## A música e masculinidades na adolescência: estado da arte

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: 2 - Educação Musical

*Laiana Moraes de Azevedo*  
*Universidade Estadual de Maringá - UEM*  
*laiana.ma@hotmail.com*

**Resumo.** A música é parte da cultura encontrada em todas as faixas etárias, sendo associada a momentos de prazer ao cotidiano humano, gerando preferências e escolhas perante a essa forma de cultura. A construção do gosto musical se dá desde a vida uterina sendo a música em muitas etapas da vida humana um recurso no qual se expressam construções de identidade. O objetivo geral desse estudo foi apresentar uma revisão do estado da arte sobre a relação da música com a construção da masculinidade na adolescência, buscando trazer interseções existentes entre esses temas. Como percurso metodológico realizamos uma revisão do estado da arte, utilizando fontes sistemáticas da produção acadêmica brasileira entre 2009 a 2019 sobre as relações possíveis entre música, adolescência e masculinidade com as seguintes palavras chaves: Música, Músicas, Adolescência, Adolescências, Masculinidade e Gênero. Tivemos como considerações finais que a música é na adolescência uma forma de expressar a construção de sua identidade masculina. Consideramos que a música é um recurso acessado pelos adolescentes para a construção da sua identidade, assim como uma forma de afirmar pertença aos grupos e a performar identidades de masculinidades, assim como reforçar padrões de gêneros já existentes. Ainda destacamos a necessidade da continuidade de uma educação musical que possa trazer reflexões e espaço de escuta e discussões sistematizadas sobre a música observada pela vertente apresentada, buscando propiciar a ampliação da apreciação musical nessa faixa etária.

**Palavras-chave.** Música, Adolescência, Masculinidades.

**Title. Music and masculinities in the Adolescence: State of art**

**Abstract.** Abstract: Music is a part of the culture found in any age group, associated with moments of pleasure to the daily life, generating preferences and choices towards this form of culture. Constructing a musical taste takes place since the uterine life, being music, in many stages of human life, a resource which expresses identity constructions. The main goal of this study was to present a revision on the state of art over the relation between music and the construction of masculinity in the adolescence, seeking to bring existing intersections between these topics. As methodological route we realized a revision on the state of art, using systematic sources of Brazilian academic productions between 2009 and 2019 about the possible relations among music, adolescence and masculinity, contemplating the following key words: Music, Songs, Adolescence, Adolescences, Masculinity and a Gender. As final conclusions it was observed that music is in the adolescence, a form of expressing the construction of your masculine identity. We considered that music is a resource accessed by the teenagers for the construction of their

identity, as well as a form of affirming belonging to the groups and perform masculine identity, even as reinforcing gender patterns that already exist. We still highlighted the necessity of the continuity of a musical education which can bring reflexions and a space of listening and systematic discussions about the music observed by the presented strand, seeking to propitiate an enlargement in the musical listening and appreciation in this age group.

**Keywords.** Music, Adolescence, Masculinity.

### **Música, adolescências e masculinidades: intersecções possíveis**

Ao pensar em música e adolescência podemos considerar diversas representações que podem nos levar a associação dessa faixa etária com um público que demonstra uma busca por meio da música para experienciar sua etapa de construção da sua identidade na adolescência. Entretanto, como destaca Iazzeta (2001) sobre a existência de diversas experiências com a música no seu uso social, nos remetendo a existência de músicas, podemos considerar que o mesmo ocorre com a adolescência, sendo essa etapa uma experiência distinta conforme cada corpo, gênero, sexo (entre outros) que a vivência, podendo então considerar que existem adolescências no plural.

Ao considerarmos a adolescência como parte de uma progressão que apresenta mudanças e nuances etapas na construção do sujeito, assumimos que também vão se alterando suas necessidades biológicas, sociais e culturais do sujeito nesse processo. Neste sentido, portanto, a maneira como cada indivíduo significa os objetos com os quais convive é atravessada por esses diferentes momentos de seu desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e social.

Podemos afirmar, então, que as experiências vividas fazem parte dos processos biopsicossociais por meio dos quais constroem suas representações sobre si e sobre o mundo social e cultural que o cerca. Dessa maneira, embora considerada pelo senso comum como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, a adolescência, conforme a literatura especializada, apresenta-se como um processo de desenvolvimento singular e altamente complexo apresentando mudanças na forma de relacionar com os mais variados elementos de seu convívio, como a música que é a ênfase desta pesquisa

Entre os diferentes estudos sobre a adolescência que revisamos, como os de Neyde Carstens Martins Pelaez (2005), Daniela Teixeira Dutra Viola e Ângela Maria Resende Vorcaro (2015) e Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira (2004), encontramos como elemento comum a compreensão de que nessa etapa da vida os indivíduos são percebidos pelos adultos “como um grupo estranho ou incompreensível” (LOPES, p. 4, 2004). Estranhamento que, segundo a

autora, contribui para a emergência de estereótipos e preconceitos dos adultos em relação à adolescência.

De acordo com recentes sobre o tema, a adolescência também é marcada pela pertença a grupos com significados diferentes dos constituídos na infância, como a lealdade, a “intimidade entre seus membros, o compartilhamento de segredos, a adesão de cada um à imagem visual do grupo e na forma de expressar” (OLIVEIRA, p. 19, 2004). Nesses grupos, o/as adolescentes podem se organizar e expressar com maior abertura suas identidades de gênero e sexualidade perante a aceitação de seus pares. Grupos como esses, no entanto, não impedem a ocorrência de violência entre o/as próprio/as adolescentes, como mostra a pesquisa de Maria Aparecida Souza Couto (2013) realizada em instituições escolares. Conforme a autora, nessas instituições, a violência entre adolescentes masculinos é consequência da competição por espaços de poder e confirmação de suas identidades entre meninos e meninas.

Após essa caracterização introdutória sobre a adolescência contemporânea, no próximo tópico passaremos brevemente pelas relações entre música, bebês e crianças até chegar às que vêm sendo estabelecidas entre o/as adolescentes e a música, conforme a revisão do estado da arte de pesquisas da última década.

Destacamos ainda que esse texto se trata de uma adaptação dos estudos da dissertação “Isto não é música de menino: representações de instrumentos e estilos musicais entre adolescentes em um projeto de educação musical”. Este texto foi construído após a realização de revisões do estado da arte sobre adolescência, música e masculinidades em intersecção com a pesquisa realizada para construção da dissertação.

Ao realizarmos a revisão do estado da arte, utilizamos fontes sistemáticas da produção acadêmica brasileira entre 2009 a 2019 sobre as relações possíveis entre música, adolescência e masculinidades. Para isso, utilizamos os sítios da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e do Google Acadêmico. Foram selecionados artigos e dissertações e teses para esta pesquisa. Selecionamos 52 trabalhos inicialmente com a temática das palavras-chaves escolhidas. A respeito destes, fizemos uma leitura flutuante, buscando selecionar trabalhos que possuíssem como núcleo as relações entre música e gênero.

Dentre esses, realizamos o descarte por meio desse critério, selecionando quinze trabalhos<sup>9</sup> organizados em quatro grupos temáticos: Música e Adolescência (Quadro 1), Música e Gênero (Quadro 2); Música e Masculinidades (Quadro 3); Instrumentos musicais e Gênero

(Quadro 4). Esses quatro quadros apresentam o resultado de nosso processo de revisão que contemplou o descarte sequencial de pesquisas e artigos, entre os encontrados, a partir da leitura de seus títulos, resumos e textos integrais.

Ano	Tipo	Título	Autor(a)
2009	Dissertação	“Música e construção de identidade na juventude: O jovem, suas músicas e relações sociais”	Auro Sanson Moura
2011	Tese	“A música como promotora do bem-estar Psicológico na adolescência”	Inês da Silva Freire
2016	Dissertação	“Música e sentimentos andam juntos – Os adolescentes e sua relação com a música.”	Carolina Vianna Silveira

#### Quadro 1 - Música e Adolescência

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Ano	Tipo	Título	Autor(a)
2008	Artigo	“A identidade feminina no gênero textual música funk”	Edinéia Aparecida Chaves de Oliveira
2009	Artigo	“Música popular, moral e sexualidade: Reflexões sobre o forró contemporâneo”	Felipe Trotta
2010	Tese	“Renome, vocação e gênero: duas musicistas brasileiras”	Dalila Vasconcellos de Carvalho
2012	Artigo	Um homem pra chamar de seu: discurso musical e construção de gênero	Alvaro Neder
2016	Tese	“A diversidade de gênero e sexualidade na perspectiva de licenciados/as em música”	Vivian Siedlecki
2016	Artigo	“Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas: uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais”	Mayara Pacheco Coelho, Marcos Vieira Silva e Marília Novais da Mata Machado
2017	Dissertação	“Música eletrônica, Sociabilidade urbana, (Homo)sexualidade masculina, Antropologia urbana, Antropologia audiovisual”	Tarsila Chiara Albino da Silva Santana

#### Quadro 2 - Música e Gênero

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Ano	Tipo	Título	Autor(a)
-----	------	--------	----------



2010	Artigo	“As relações de gênero no universo da música sertaneja Goiana”	Rogério Bianchi de Araújo
2010	Artigo	“Representações de masculinidades nos salões de dança carioca”	João Batista da Silva Junior
2012	Artigo	“Porque homem é homem: a consolidação da construção identitária do gênero masculino através da música”	André Araújo Rodrigues e Daiany Ferreira Danta
2016	Monografia	“Identidades em letras de música de sofrência”	Edcarla Oliveira Bezerra

### Quadro 3 - Música e Masculinidades

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Ano	Tipo	Título	Autor(a)
2015	Relatório de Estágio	“Música e identidade de gênero: concepções a respeito de papéis sociais na sala de música”	Cátia Sofia Rodrigues de Sousa

### Quadro 4 - Instrumentos musicais e Gênero

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Após essa seleção, temos como objetivo apresentar uma revisão do estado da arte sobre a relação da música com a construção da masculinidade na adolescência, buscando trazer interseções sobre as pesquisas realizadas no decorrer do texto. Sabemos por meio de estudos, que a construção do gosto musical se inicia desde a infância, nas quais crianças de meses começam a possuir preferências conforme o que lhes são apresentados, sendo refletida na construção do gosto musical do adolescente, como iremos discorrer no próximo tópico.

### Da infância a adolescência: construção das representações sobre o gosto musical dos meninos

De acordo com a pesquisa do estado da arte, realizada por Beatriz Ilari (2006) e Dulcimarta Lemos Lino (2008) sobre a produção científica no período da última década, estudos sobre relações entre música e bebês ainda se apresentam em menor quantidade do que os referentes a crianças maiores.

De acordo com Dalila Vasconcellos de Carvalho (2011) e Carolina Vianna Silveira (2016), as relações entre o ser humano e a música se iniciam desde a gestação no útero materno. Sons e ruídos penetram no útero via placentária, a partir da formação do aparelho auditivo, que ocorre nas proximidades da vigésima semana da gestação. Entre os sons audíveis no útero, a

sensorialidade fetal, destacam-se as vozes humanas e a música. Ilari (2013, p. 33) reitera que “os fetos já ouvem e que algo das experiências musicais pré-natais permanece após o nascimento”.

Simionato (p. 28, 2008) reforça que “o bebê tem a capacidade de nascer já com uma grande bagagem de conhecimentos, pois está em interação com seu meio externo desde suas vivências uterinas”; ou seja, a relação da criança com a música inicia-se muito antes do seu nascimento. Segundo Silveira (2016, p. 29), “o nosso gosto musical pode começar a ser construído no útero” sendo que pesquisas com bebês e música vêm constatando que os/as bebês “preferem as músicas que escutaram durante os últimos três meses de gestação do que aquelas que nunca tinham ouvido. É possível dizer que, a princípio, gostamos daquilo que reconhecemos.”

Contudo, de acordo com Ilari (2013), as habilidades musicais conquistadas pelo/as bebês vão sendo alteradas por seu contato com os padrões dos elementos musicais presentes em seu contexto de desenvolvimento. Ou seja, as interações do bebê com a música são marcadas pelas formas como seus cuidadores se relacionam com a música (BAYER, 2003). Lino (2008, p. 37) reforça esse ponto de vista, ao considerar que as crianças constroem seus mundos musicais conforme suas experiências de socialização, “identificando os sistemas de produção, valores e crenças”. Com apenas três dias de vida, os bebês possuem preferências pela voz materna à voz de outras mulheres, assim como podem apresentar mudanças em seus batimentos cardíacos quando expostos ao contato com músicas que foram ouvidas no decorrer de sua gestação. Ainda, segundo a autora, os bebês possuem preferências por músicas rápidas para acompanhar suas brincadeiras, enquanto as mais lentas acompanham seu adormecer.

Neste processo, também passa a se valer de sua voz, seu instrumento musical próprio por meio do qual expressa suas emoções e anseios. Apesar de não compreender os conteúdos das canções que ouve ou busca reproduzir, os/ as bebês se relacionam com outros elementos musicais como sua harmonia, a melodia e o ritmo. Para, além disso, conforme Ilari (2006, p. 296), as experiências musicais representam um forte conteúdo afetivo da relação entre as/os bebês e os/as adultos que o/a cercam e, nessa medida, não apenas [ajudam] na modulação do comportamento e do humor do/a bebê, mas também aparentam constituir parte da “base do pensamento musical humano no decorrer da vida”.

Pesquisas na área dos estudos psicolinguísticos como as de Peter W. Jusczyk, Ann Marie Jusczyk e Elizabeth Hohne, (1993) revelam que, entre bebês com menos de um ano de idade,

certas palavras e melodias são memorizadas e vão se constituindo em preferências musicais desses indivíduos, que podem ou não se manter ao longo de sua vida conforme suas experiências musicais futuras.

Com o desenvolvimento do/da bebê, a música vai se constituindo em uma linguagem simbólica, com inúmeras representações, que permite à criança expressar suas emoções e sentimentos, contribuindo para a sua formação humana e sensibilização ao mundo social. (GOHN e STRAVACAS, 2010, p. 86). Desta forma, o consumo da música em diferentes momentos de seu cotidiano, como na família, na escola, nas instituições religiosas, nas mídias sociais e nos veículos de comunicação, faz parte deste processo de construção de representações do fenômeno musical por parte do/as adolescentes.

Representações nas quais estão implicadas todas as vivências, experiências e consumo de música realizadas durante sua infância. Reforçando essa perspectiva, em sua pesquisa, Auro Sanson Moura (2009) constata a presença das vivências familiares na formação das preferências musicais do/as adolescentes tanto para tocar quanto para ouvir. Do/as adolescentes participantes de sua pesquisa, que se interessavam por tocar um instrumento musical, 70% afirmaram ter convivido na infância com algum familiar que tocava um instrumento ou cantava para a família. Silveira (2016) apresenta resultados próximos aos de Moura (2009), destacando que, embora a adolescência seja um momento de negação de valores e de costumes familiares em busca de uma identidade singular, o/as adolescentes participantes de sua pesquisa revelaram dever sua preferência e escolha de instrumento musical para atender às experiências e incentivos familiares. Esses resultados convergem também com a pesquisa de Coelho, Silva e Machado (2016) que constataram forte vínculo entre o fazer musical e a herança da família na escolha e domínio de um instrumento musical.

As experiências musicais são essenciais para a inserção de crianças e adolescentes na comunidade social e cultural em que vivem, pois, de acordo com Lino (2008, p. 40), vão “imbricando de forma integrada aos valores morais, as crenças e o sistema de representações sociais vividas na sociedade onde a escuta da infância pode ser contemplada”. Ao longo dessas vivências, as crianças vão identificando “as músicas destinadas aos seus pares, aos jovens, aos velhos” assim como as músicas referidas a épocas históricas específicas e para datas comemorativas. (LINO, p. 33, 2008). Para a autora, “para cada experiência musical que as crianças possam ter, seu sentido se relacionará com o seu uso e se estruturará das experiências que articulam através dela”. (LINO, 2008, p. 33)

Mais tarde, já na adolescência, segundo Margarete Arroyo (2013, p. 14), as práticas musicais se intensificam e passam a participar “ativamente das constituições juvenis ao mesmo tempo em que novas estéticas musicais são criadas a partir das ações dos jovens”, promovendo oportunidades de mudanças e produção de novas preferências musicais. Para Inês da Silva Freire (2011, p. 13) as novas relações do/a adolescente com a música são caracterizadas por emoções intensas que acompanham suas crises existenciais, descobertas pessoais, sentimentais, etc. Trata-se, portanto, de uma “relação tão íntima verificada entre as emoções e a música [que se pode], portanto depreender-se que exista uma estreita ligação entre a adolescência e a música”. De acordo com Ilari (2013), isso se deve ao fato de que a música é uma das linguagens preferidas dos adolescentes para expressar diferentes estados de espírito, sonhos e sentimentos. Considerações com as quais concorda Silveira (2016) para quem os adolescentes atribuem diferentes funções sociais para as músicas que ouvem, como as que servem para dançar, para ouvir sozinho, para aumentar a concentração nos estudos ou para dormir, tendo como elemento comum expressar seu humor e seus sentimentos.

Os mesmos motivos, que relacionam música e adolescência, parecem levar os/as adolescentes a iniciar o uso de seu primeiro instrumento musical, montar uma banda ou seguir a carreira de um/a artista. Apesar de que “grande parte desses adolescentes deixará seus instrumentos antes do final da adolescência. Para a maioria deles, tocar um instrumento nada mais é do que um rito de passagem” (ILARI, 2013, p. 50). Iniciadas na infância, em contato com os adultos mais próximos, a preferência musical dos/as adolescentes depende das identificações com seus pares, com os quais buscam semelhanças morais, culturais e estilos de vida. Arroyo (2013, p. 26) lembra que em diferentes períodos históricos as relações da adolescência com a música indicam a importância desse fenômeno sonoro na construção da sua identidade.

Uma pesquisa realizada com jovens americanos e britânicos nas décadas de 1960 e 1970 demonstrou que “a música é de muitas maneiras a atividade central da cultura juvenil, a partir da qual outras atividades ocorrem” e que, de acordo com a autora, ainda se mantém na sociedade contemporânea, apesar das mudanças culturais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas. Inês da Silva Freire (2011), em uma pesquisa recente, realizada em Portugal, mostra como a música se mantém como elemento fundamental para o desenvolvimento e expressão da identidade adolescente. Conforme a autora, os/as adolescentes representam sua relação com a música de forma positiva, compreendendo-a como uma forma de alcançar o bem-estar



psicológico em momentos de conflitos interiores e de estreitar os vínculos sociais e afetivos com seus pares por meio da identificação pelas preferências musicais.

Caio Pinheiro Della Giustina (2017) ao discutir sobre Música e Gênero, buscou entender em seu trabalho de conclusão de curso, a divisão sexual dos instrumentos musicais no contexto de uma escola de música. Como conclusões Giustina (2017) considerou que as sexualidades se expressam na escolhas no momento da procura de aulas dos instrumentos, pois, em determinados instrumentos existiam apenas meninas e outros meninos, apontando as necessidades de trabalhos que se aprofundem sobre o tema, pois segundo Giustina (2017, p. 110) as dificuldades sobre as discussões sobre o tema se dão em razão da “pouca bibliografia de fácil acesso sobre essas aproximações teóricas e analíticas entre Música e Gênero em português”, convergindo com nossas hipóteses de que as masculinidades apresentam influências com as relações construídas com a música e se reforçam na identificação com seus pares com preferências próximas.

As conclusões da pesquisa de Moura (2009) reforçam as dos estudos anteriores sobre a forte influência dos pares sobre a preferência musical dos/as adolescentes, em geral, diferentes dos estilos musicais escutados pelos seus familiares. Entre os estilos musicais preferidos pelos adolescentes destacam-se o samba, o pagode, o rock e o reggae. Evidencia-se ainda que tais estilos considerados como preferidos também sejam os apontados por outro grupo como sendo os estilos menos escolhidos em conjunto com o metal e o rap. Essas preferências sugerem à autora a existência de binarismo e exclusão entre os estilos musicais de forma que quem gosta de samba e pagode não pode gostar de rock e vice-versa. Por estarem relacionadas a um forte conteúdo afetivo e social entre o/a adolescente e seus pares, a flexibilidade de preferências pode ser entendida como traição ao grupo. Além da identificação com seus pares, suas preferências musicais estão relacionadas à identificação das letras das canções com suas experiências pessoais.

Os resultados da pesquisa de Neyde Carstens Martins Pelaez (2005) parecem acompanhar essa perspectiva na medida em que mostram a música como a principal atividade de lazer do/as adolescentes. Conclusões convergentes com as de Moura (2009, p. 64) demonstraram que, entre os adolescentes entrevistados, 89% dos/as participantes afirmaram ouvir músicas por 8 a 12 horas por dia, evidenciando a presença da música nesta faixa etária, pois passam “mais tempo ouvindo música do que em outras fases da vida”. Nessas atividades de lazer, conforme Pelaez (2005), meninas afirmaram preferir tocar instrumentos musicais

como flauta, piano, teclado e violino, enquanto os meninos manifestaram preferir violão e guitarra. A autora considera que tais preferências se devem não tanto ao gênero dos indivíduos e mais “a um campo de possibilidades que o espaço de sociabilidade legítima e disponibiliza, a partir do qual as escolhas são possíveis. Ou seja, existe a preferência, mas é uma preferência possível” dentro do contexto de vida dos/as adolescentes.

Os resultados da pesquisa de Pelaez (2005) são reforçados pelas conclusões de Sousa (2015), segundo a qual para os/as adolescentes as preferências são categorizadas pela identidade de gênero dos indivíduos e, neste sentido, podem ser divididas em músicas para meninos e músicas para meninas. Essa visão também transparece na escolha de instrumentos musicais para cada gênero. Quando, por exemplo, são questionados/as sobre relações entre flauta e xilofone, suas respostas foram de que as meninas desempenham melhor a flauta e os meninos o xilofone, sendo o desempenho da flauta associado ao capricho e o xilofone mais próximo as preferências dos meninos para a percussão. Perguntados sobre gêneros musicais, o/as participantes associaram música clássica e músicas românticas ao feminino, enquanto o pop, o *rock* e o *rap* foram relacionados ao gênero masculino, justificando que meninas são mais sonhadoras com o futuro, com o amor e os meninos não dão importância para esses aspectos. Outra justificativa apresentada pelos/as adolescentes é que os meninos gostam de música com batidas e as meninas não possuem tanta identificação com esses gêneros em razão de serem mais calmas.

Em direção próxima, Silveira (2016) mostra que as preferências das/os adolescentes por bandas nacionais e internacionais parecem se relacionar às experiências pessoais dos indivíduos, incluindo suas vivências de gênero. Assim como os resultados de Peaez (2005), a pesquisa de Silveira (2016) demonstrou que meninas manifestaram preferência pelo pop enquanto meninos pelo rock. As meninas também demonstraram, em maior quantidade, acompanhar a vida pessoal e a trajetória dos intérpretes das músicas preferidas.

Os vínculos entre os fenômenos musicais e o gênero de adolescentes foram investigados também por Álvaro Neder (2012) para quem essas relações acompanham a instabilidade das identidades femininas e masculinas na pós-modernidade. Para a autora, a música pode reforçar ou desconstruir os padrões hegemônicos de gênero como os estereótipos do homem insensível, por meio das letras e dos intérpretes. Conclusões próximas as de Tarsila Chiara Albino da Silva Santana (2017) para quem a música aparece tanto como produtora como diluidora de fronteiras entre os indivíduos héteros e LGBT. De acordo com os resultados de sua pesquisa, isso se deve ao fato de que a música se constitui uma experiência social que produz diferentes significados

e situações que podem ampliar seu repertório. João Batista da Silva Junior (2010) concorda com Santana (2017), apresentando suas considerações acerca de uma sociedade onde as percepções sobre música e danças são tão cristalizadas, sendo possível destacar que também estão sendo desconstruídas e ressignificadas.

Edinéia Aparecida Chaves de Oliveira (2008) apresenta considerações próximas às de Santana (2017) e Junior (2010) uma vez que ambos concordam que a música tem possibilidades de (des)construir fronteiras entre os indivíduos. Todavia, Oliveira (2008), Trotta (2009), Araújo (2010), Rodrigues e Danta (2012), discutem que existem estilos musicais que fomentam a reprodução de estereótipos de gênero hegemônico como o forró, o sertanejo e o *funk*. Oliveira (2008), em suas considerações sobre o *funk*, apresentou que a mulher é representada a partir da voz masculina, que dissemina ideologias e valores sexistas e binários os quais tendem a objetificá-la.

Em sua pesquisa, Araújo (2010) concluiu que, no sertanejo, as masculinidades são retratadas por meio de imagens de homens suprassensíveis, mas que mantêm a desigualdade entre o que está no imaginário do homem e nas masculinidades tradicionais ainda exigidas socialmente. Trotta (2009) e Rodrigues e Danta (2012) constataram que o forró se mantém fortemente vinculado a uma perspectiva sexista e patriarcal próximos aos padrões normativos de gênero hegemônico. Rodrigues e Danta (2012) apresentaram como considerações finais que não apenas a mulher é vítima das construções sociais, sendo que os homens também se apresentam como reflexos dessas construções. Por fim, os autores reiteram a necessidade de mais pesquisas, relacionando questões de música e gênero.

### **Considerações finais**

A partir dessas considerações sobre as pesquisas já realizadas entre gênero, masculinidades e música, assim como por meio de estudos relacionados com a área, podemos apresentar como considerações finais que a música é uma das formas mais utilizadas na adolescência para expressar a construção de sua identidade como demonstra. Ao experienciar essa etapa de vida, conforme os estudos que apresentamos, a música é um recurso acessado pelos adolescentes que perpassa a construção da sua identidade e sua busca de sentimento de pertença aos grupos.

Desta forma, podemos considerar que a música atua em funções consonantes, podendo refletir papéis sociais de masculinidades conforme seus estilos e a presença repetitiva de sujeitos

masculinos em determinados instrumentos. Entretanto, podemos considerar que a música também é uma construtora destes papéis, trazendo modificações nas representações sobre quais músicas podem ser para determinados grupos conforme pesquisas apresentadas, nos indicando como a adolescência pode ser influenciada e influenciar a música de sua atualidade.

Estas considerações nos demonstram a necessidade da continuidade de uma educação musical que fomente discussões sobre essas representações de papéis sociais considerados existentes na música, pois ao propiciar reflexões sobre, podemos tornar maiores as possibilidades de ampliação da apreciação de músicas nessa faixa etária, buscando diminuir por meio de conscientização as segregações das relações com a música baseadas nas representações do que sujeitos masculinos podem performar em uma sociedade.

Logo, conforme as pesquisas apresentadas, sabemos que a música é buscada pelos adolescentes como parte da construção da sua identidade e entendimento do mundo social que vivenciam e consideramos as possibilidades que uma educação musical possa trazer mais qualidade e liberdade na relação que o adolescente possa construir com a música no decorrer de sua história.

## Referências

ARAUJO, Rogério Bianchi de. **As relações de gênero no universo da música sertaneja goiana 1**. 2010. Artigo apresentado em Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música Popular - Abordagens interdisciplinares na pesquisa em música popular: arte, mercado e sociedade. Campus do Bancanga – São Luis, MA, 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/33453849-As-relacoes-de-genero-no-universo-da-musica-sertaneja-goiana-1.html>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

ARROYO, Margaret. **Assessoria de Comunicação e Imprensa da Reitoria**. Margarete Arroyo: entrevista 1822. São Paulo: UNESP, 2013. Entrevista concedida por Margarete Arroyo a Oscar D'Ambrosio. Podcast (17:00 min). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/144961>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BAYER, Esther. **Reflexões sobre as práticas musicais na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2003. p. 101-112

CARVALHO, Maria Eduarda Salgado. **O bebê imaginário, as memórias dos cuidados parentais e as representações sonoro-musicais na gravidez no estudo da representação da vinculação materna pré-natal e da orientação para a maternidade**. 2012. 132 f. Tese



(Doutorado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/6597>>. Acesso em: 5 abr. 2023.

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata. "Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas": uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 107-122, abr. 2014. Disponível em . Acesso em 2 fev. 2023. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922014000100009>.  
COUTO, Maria Aparecida Souza. **Representações de masculinidades e a relação com a violência na escola pública de ensino médio**. 2013. Disponível em: <[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373326227\\_ARQUIVO\\_ArtigoFazendoGenero2013.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373326227_ARQUIVO_ArtigoFazendoGenero2013.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2023.

FREIRE, Inês da Silva. **A música como promotora do bem-estar psicológico na adolescência**. 2011. Tese de mestrado. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde - Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa. Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em . Acesso em 20 fev. 2023.

GLÓRIA GOHN, Maria; STAVRACAS, Isa. O papel da música na Educação Infantil. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 85-103, 2010. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/715/71518580013.pdf>>. Acesso em 29 jan. 2023.

GIUSTINA, Caio Pinheiro Della. **Música e gênero: a divisão sexual dos instrumentos musicais no contexto da Escola de Música de Brasília**. 2017. 126 f. TCC (Graduação em Antropologia Social. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/18071/1/2017\\_CaioPinheiroDellaGiustina\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/18071/1/2017_CaioPinheiroDellaGiustina_tcc.pdf)>. Acesso em 28 abr 2023.

IAZZETTA, Fernando. O que é música (hoje). **Fórum Catarinense de Musicoterapia**, v. 1, p. 5-14, 2001. Disponível em <[encurtador.com.br/crB05](http://encurtador.com.br/crB05)> Acesso em 28 abr 2023.

ILARI, Beatriz Senoi. **Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música-da percepção à produção**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. **Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música-da percepção à produção musical**. Curitiba: UFPR, 2006. p. 271-302.

\_\_\_\_\_. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**, Curitiba, 10, maio 2014. Disponível em: <<http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/view/435>>. Acesso em: 28 jun. 2023

JUNIOR, João Batista. **Representações de masculinidade nos salões de dança carioca**. 2010. Artigo apresentado no evento Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos realizado em agosto de 2010. Disponível em: <[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278301614\\_ARQUIVO](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278301614_ARQUIVO)>

JoaoBatistadaSilvaJunior-  
REPRESENTACOESDEMASCULINIDADENOSSALOESDEDANCACARIOCA.pdf>  
Acesso em 15 de jan. 2023.

JUSCZYK, Peter et al. Do infants remember voices? **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 93, n. 4, p. 2373-2373, 1993 Disponível em <https://asa.scitation.org/doi/citedby/10.1121/1.406122>. Acesso em 22 de jul de 2023  
LINO, Dulcimarta. Barulhar: a música das culturas infantis. **Revista da ABEM**, Curitiba, 18, apr. 2014. Disponível em:  
<<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/206>>. Acesso em: 25 jan. 2019

MOURA, Auro Sanson. **Música e construção de identidade na juventude: o jovem, suas músicas e relações sociais**. Dissertação – Curitiba, 2009. 146 f. Disponível em <<http://www.emdialogo.uff.br/documento/m%C3%BAsica-e-constru%C3%A7%C3%A3o-de-identidade-na-juventude-o-jovem-suas-m%C3%BAsicas-e-rela%C3%A7%C3%B5es-sociais>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

NEDER, Alvaro. "Um homem pra chamar de seu": discurso musical e construção de gênero. **Per musi**, Belo Horizonte, n. 28, p. 170-175, dez. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-75992013000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992013000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 fev. 2023.

OLIVEIRA, Edinéia Aparecida Chaves de. **A identidade feminina no gênero textual música funk**. 2008. Anais do VIII CELSUL (2008) GT Estudos em Análise Crítica do Discurso: questões de gênero social, de mídia e de educação. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VIII/identidade\\_feminina\\_funk.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/identidade_feminina_funk.pdf)>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PELAEZ, Neyde Carstens Martins et al. **A música do nosso tempo: etnografia de um universo musical de adolescentes**. 2005. 114f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2005. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102397/213391.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SANTANA, Tarsila Chiara Albino da Silva. **Da house music à bagaceira: uma etnografia sobre música eletrônica, espacialidade e (homo)sexualidade masculina em Recife, PE**. 2017. 230f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24280>>. Acesso em 23 jul. 2023.

SILVEIRA, Carolina Vianna; Carvalho, Maria Cristina. “**Música e sentimento andam juntos**” - **Os adolescentes e sua relação com a música**. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27564/27564.PDF>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SIMIONATO, Luciane Cristina. A importância do fazer e cantar na primeira infância: Alguns estudos sobre Educação Musical para crianças de 0 a 3 anos. **Ictus Music Journal**, Galway, v. 1, n. 9, online, 2008. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34292>>. Acesso em: 04 maio 2023.

SOUSA, Cátia Rodrigues de. **Relatório de estágio em ensino de educação musical no ensino básico – música e identidade de gênero: concessões a respeito de papéis sociais na sala de música**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2015. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/18288/1/Relat%c3%b3rio%20de%20est%c3%a1gio.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

TROTA, Felipe. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo. **Revista Contracampo**, n. 20, p. 132-146, 2009. Disponível em <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17184/0>. Acesso em: 14 nov. 2019.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Angela Maria Resende. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 62-70, abr. 2015. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130037> Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642015000100062&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000100062&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 fev. 2023.